

Entre o armário e o amor: reflexos da heterossexualidade compulsória na vivência lésbica em *Oito do sete*, de Cristina Judar

Between the closet and love: reflections of compulsory heterosexuality in the lesbian experience of Cristina Judar's *Oito do sete*

Luciana Borges¹ 

Thainá Pereira Gonçalves¹ 

¹Universidade Federal de Catalão. Catalão, GO, Brasil.

E-mail: borgeslucianab@ufcat.edu.br

E-mail: thainagoncalves.ufg@gmail.com

Editoras-chefes
Anélia Montechiari Pietrani
Laíse Ribas Bastos
Maria Lucia Guimarães de Faria

Recebido: 29/07/2023

Aceito: 02/04/2024

Como citar:
BORGES, Luciana;
GONÇALVES, Thainá
Pereira. Entre o armário
e o amor: reflexos da
heterossexualidade
compulsória na vivência
lésbica em *Oito do sete*,
de Cristina Judar. *Revista
Fórum de Literatura
Brasileira Contemporânea*,
v.15, n.30, e59975, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
flbc.2023.v15n29a59975](https://doi.org/10.35520/flbc.2023.v15n29a59975)

Resumo

No presente trabalho, propusemo-nos a analisar a obra *Oito do sete* (2017), de Cristina Judar, a fim de investigar como a relação amorosa entre as protagonistas é atravessada por imposições socioideológicas à mulher, que apresentam consequências ainda mais desastrosas para mulheres lésbicas. Constituem os objetivos mais específicos da análise investigar se a homossexualidade das personagens é afetada pelas esferas sociais, que podem contribuir positiva ou negativamente para a vivência de relacionamentos homoafetivos; observar as tendências estéticas literárias do romance contemporâneo presentes na obra; e, por fim, explorar as questões da representatividade de personagens que vivenciam relacionamentos homossexuais, que tem se mostrado uma necessidade da população LGBTQI+. Por meio do cotejamento de enunciados do texto literário e do diálogo com textos teóricos, como os estudos de Adrienne Rich (2019), Judith Butler (2020), entre outros, investigamos o modo como a compulsão pela orientação sexual considerada padrão, a heterossexualidade, afeta a vivência do casamento das personagens.

Palavras-chave:

Cristina Judar; literatura lesbiana; gênero; heterossexualidade compulsória.

Abstract

In this article, we set out to analyze *Oito do sete* (2017), by Cristina Judar, in order to investigate how the love relationship between the protagonists is crossed by socio-ideological impositions on women, which have even more disastrous consequences for lesbian women. The outlined objectives are: to investigate whether the homosexuality of the characters is affected by the social sphere, which can contribute positively or negatively to the experience of homoaffective relationships; to observe the literary aesthetic trends of the contemporary novel, present in the work under analysis; and, finally, to explore the issues of representativeness of characters who experience homosexual relationships, which has been shown to be a need for LGBTQI+ population. Through the comparison of statements from the literary text and the dialogue with theoretical texts, such as the studies of Adrienne Rich (2019), Judith Butler (2020), among others, we investigate how the compulsion for the considered standard sexual orientation, the heterosexuality, affects the marriage experience of the characters.

Keywords:

Cristina Judar; Lesbian Literature; gender; compulsory heterosexuality.

*“Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada”.*
Hilda Hilst

De quantos silêncios se constitui uma relação afetiva? De quais mutilações subjetivas é composto o quebra-cabeças da heterossexualidade norteadora dos afetos? O que fazer para evitar a desidratação do amor? Materializar os percalços das amorosidades na linguagem e na criação de mundo ficcionais representativos dos conflitos humanos e das imposições de gênero pode ser uma porta de saída para tais perguntas, afinal, o amor e seus des/encontros sempre foram um motivo recorrente da arte literária. No entanto, na maioria dos casos, a representação de um tipo específico de amor e relação predomina no imaginário ficcional do ocidente. A literatura que apresenta a subversão dos papéis de gênero e a resistência dos corpos destoantes que fogem à sexualidade historicamente imposta (a heterossexualidade) não é recente. Por outro horizonte, no Brasil, os estudos em torno da temática supradita são relativamente recentes, especialmente quando falamos sobre a homossexualidade feminina na literatura. Por isso, o silenciamento que historicamente envolve a lesbianidade é o elemento propulsor deste trabalho.

A obra escolhida para investigação, *Oito do sete* (2017), da escritora e jornalista Cristina Judar, possui representatividade no que tange à presença da lesbianidade na literatura contemporânea. Como boa peça literária, existem, na narrativa escolhida, discussões muito mais amplas sobre a complexidade das relações humanas, mas, para este estudo, o enfoque será nos vivenciamentos e nas problemáticas de uma relação homoafetiva feminina, pois compreendemos que as vivências das personagens são um espelho do caráter árduo das relações lesbianas em uma sociedade que impõe a heterossexualidade como norma.

A escolha desse livro, em vez de outros que também tematizam a lesbianidade na literatura, deu-se pelo desejo de contribuir para a visibilidade e divulgação de obras contemporâneas de autoria feminina. Outra razão se dá pelo valor estético da obra, isto é, pela “força da palavra organizada” (Candido, 2011, p. 179), que garante o papel humanizador da literatura pela via do trabalho formal com a linguagem, bem como pela via da representatividade, que também humaniza corpos apagados afetivamente. A qualidade do texto pode igualmente ser atestada pelos prêmios e pelas indicações de prêmios recebidas por ocasião da publicação: o livro ganhou o prêmio de Melhor Livro do Ano de 2018 no “Prêmio São Paulo de Literatura”, na categoria “Melhor Romance”, e foi finalista do “Prêmio Jabuti”, também em 2018, na categoria “Melhor Romance”.

Delimitamos como foco principal os capítulos narrados pelas personagens Magda e Glória¹, privilegiando passagens acerca dos conflitos identitários, para ressaltarmos a natureza qualitativa da pesquisa (Thomas; Nelson, 1996). A parte analítica relaciona ao *corpus* literário selecionado pertinentes teorias que dissertam sobre gênero, sexualidade e poder, para explanarmos a identidade das personagens investigadas, expressando o olhar ensaístico das pesquisadoras sobre o objeto em análise.

Embora tenhamos iniciado a pesquisa sobre esse romance em 2019, momento em que ainda não havia qualquer estudo sobre o livro, em 2020 foi publicado um artigo intitulado “Pelas fendas do espaço: geografias lésbicas em *Oito do sete* (2017), de Cristina Judar”, de autoria de Elisabete Costa Silva e André Luis Mitidieri Pereira. O trabalho supracitado dirige seu enfoque para a geografia lésbica na obra literária em análise, buscando apresentar os lugares em que a lesbianidade é aceita ou sofre exclusão. Em nossa pesquisa, buscamos ressaltar os reflexos da heterossexualidade compulsória que afetam também mulheres lésbicas que já se “assumiram” socialmente enquanto tal.

Assim, este artigo percorre um caminho no qual, inicialmente, descrevemos um breve percurso histórico sobre o apagamento da autoria feminina e da existência lesbiana na literatura, utilizando como guias Mára Faury (1983), Regina Zilberman

¹ A obra possui quatro capítulos, cada um narrado por uma personagem, apresentando, assim, diferentes perspectivas da narrativa.

e Marisa Lajolo (2019), Maria da Glória de Castro Azevedo (2007; 2008), entre outras. Na sequência, para a análise de *Oito do sete*, apoiamo-nos teoricamente em Judith Butler (2004; 2020), Adrienne Rich (2019), Tomaz Tadeu Silva (2014) e Marina Castañeda (2007), a fim de compreendermos como a identidade lésbica se constitui e como a orientação sexual das protagonistas vai de encontro às normas vigentes para uma suposta “identidade de *mulher*” na sociedade ocidental.

Quando o que se esconde também revela: o apagamento de mulheres lesbianas em campos teóricos e literários

A literatura usualmente funciona como um termômetro das ideologias vigentes na sociedade, partindo dos enredos compostos na ficção, do acesso à publicação, das obras correntes no mercado literário, até das mais vendidas, tais como as censuradas e invisibilizadas: o lugar dessas obras expõe a nudez da sociedade, suas crenças, normas, ideais e preconceitos. Dessa feita, para discutir a não presença da literatura lesbiana nos livros mais vendidos e no grande fluxo de pesquisas acadêmicas ou dos estudos feministas, é imprescindível que façamos interseções que levem à compreensão dos caminhos que conduzem à invisibilidade e/ou obliteração em questão. As bases do apagamento do sujeito lésbico na literatura perpassam, primeiramente, a resistência à literatura de autoria feminina, que, por sua vez, advém da posição subalternizada da mulher na sociedade ocidental: a literatura lesbiana colhe as consequências da marginalidade da mulher numa coletividade de poder delimitado por homens.

A predominância de obras escritas por homens no ocidente, até o século XX, fazia com que as personagens femininas na literatura reforçassem estereótipos de gênero e padrões de comportamento feminino esperados pela sociedade, acentuando os valores da mulher como esposa, mãe e dona de casa (Zilberman; Lajolo, 2019). A produção literária de autoria feminina, por muito tempo, cabia apenas na chamada literatura marginal, estava “vinculada à expressão de uma minoria, à subalternidade, em oposição à arte canônica, que circula na classe dominante” (Zinani, 2014, p. 183). O mesmo fenômeno ocorre com a literatura lesbiana escrita por mulheres.

De acordo com Azevedo (2007), a presença de personagens lesbianas na literatura não surge no século XX com a ascensão da literatura de autoria feminina. Elas já existiam no século XIX, tendo sido criadas exclusivamente por homens, uma vez que temáticas como sexualidade e erotismo eram campos restritos à escrita masculina. Em outros termos, a literatura sobre mulheres homossexuais era permitida, desde que não fosse escrita por mulheres e, preferencialmente, apresentasse personagens cujas características de caráter causassem repulsa no seu leitor (Faury, 1983).

Nesse sentido, o exórdio da literatura lesbiana surge através de alguns autores, pois, apesar da problemática da relação entre mulheres ser descrita por homens – ou seja, por sujeitos que não a vivenciam –, essas obras começam a visibilizar a temática

sem uma presença demarcada de certos preceitos da época, como, por exemplo, *A religiosa* (1976), de Denis Diderot, e *Madalena de Maupin* (1835), de Theophile de Gautier (Faury, 1983). Contudo, o marco da literatura estrangeira sobre a lesbianidade escrito por uma mulher foi o livro de Radclyffe Hall, *O poço da solidão* (1928). O romance levou a sua autora até o tribunal por ser considerado obsceno – parecer que não decorria do aparecimento do sujeito lesbiano em primeiro plano, mas da amabilidade das personagens, o que fazia com que as lesbianas soassem como “pessoas comuns” e até mesmo “boas”, ou seja, não havia condenação da homossexualidade na obra.

Já no cenário nacional, a autora que quebrou tabus acerca do amor entre mulheres na literatura foi Cassandra Rios. A escritora, que se depara com um território literário brasileiro absolutamente conservador entre as décadas de 40 a 80 do século XX, detalha em seus livros relações lesbianas como ainda não haviam sido exploradas na literatura brasileira, razão pela qual, apesar do inegável sucesso entre os leitores de suas obras, Cassandra Rios não é uma das autoras mais reconhecidas no país e seus livros foram considerados literatura baixa ou pornográfica (Azevedo, 2007). Atualmente, a autora que alcançou grande destaque com uma obra abordando a lesbianidade foi Natália Borges Polesso, com o livro *Amora* (2016), que ganhou o prêmio Jabuti em seu ano de publicação.

Com base nessa conjuntura, ainda é necessário, em pleno século XXI, que destaquemos a sexualidade das personagens de uma produção literária, para ressaltar o número inferior de mulheres lésbicas na literatura em comparação às narrativas publicadas no decorrer dos séculos². Para Pinto-Bailey (1999), esse fato está relacionado com a aversão social à identidade lesbiana, ao sujeito lesbiano propriamente dito e à forma como o ideal de feminilidade é rompido nessa existência. Do mesmo modo, o mercado literário brasileiro, tal como a crítica literária, ignora a existência dessas autoras e personagens:

Na tradição literária brasileira, não há ainda um reconhecimento, feito pela crítica, da existência de uma literatura lesbiana escrita por mulheres. Se há ausência de uma crítica literária sobre essa produção, podemos dizer que ela é consequente do tabu que cerca as relações homossexuais e da censura velada que coíbe as produções literárias lesbianas. Escrever sobre literatura lesbiana ainda está associado, no Brasil, à qualificação do texto como subliteratura (Castro, 2008, p. 59).

² Pesquisa realizada pelo grupo da pesquisadora Regina Dalcastagnè (2021), da Universidade de Brasília, sobre autoria e personagens do romance brasileiro, abrangendo as publicações de 1965 a 1979 e de 1990 a 2014, indica homogeneidade no campo literário no Brasil, com predominância de protagonistas homens, brancos e sem marcação de orientação homoafetiva.

Uma reflexão válida para a discussão proposta aqui é: qual a relevância do apagamento de mulheres lésbianas na literatura para além do silenciamento feminino? Como umas das finalidades da literatura é ser uma ferramenta de constituição da subjetividade, compreendemos que a obscuridade em torno da literatura lésbiana está interligada com a falta da representatividade, ocasionando o apagamento da existência da lésbianidade em si.

Isso indica que a própria literatura e a crítica literária são atravessadas pela heterossexualidade compulsória. Reportando-nos ao pensamento teórico de Judith Butler (2020), podemos associar a heterossexualidade compulsória com as investidas de gênero, as quais estabelecem lugares socialmente fixos para os sujeitos. Para essa autora, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2020, p. 69). Desse modo, a repetição de gênero produz a falsa ideia de que mulheres são um conjunto homogêneo, com desejos também homogêneos, dentre os quais o casamento heterossexual e a geração de filhos. A matriz heterossexual constitui, portanto, a base da maioria das relações e, ainda que estas sejam homoafetivas, são estruturalmente atingidas por essa matriz, mesmo que de forma fantasmática.

Nesse sentido, ao invocarmos a demarcação da identidade homossexual, visamos à intrínseca relação entre identidade e diferença demarcadas por Silva (2014) e, por consequência, a maneira como a identidade é construída na relação com o outro. Ambas, identidade e diferença, resultam de “atos de criação linguística” (Silva, 2014, p. 76), mas são separadas a partir da perspectiva (equivocada) de que a diferença advém de um ponto de referência contido em uma identidade basilar, tornando a decorrência (diferença) da identidade “original” inferior e/ou instável.

Você precisa de um homem pra chamar de seu (mesmo que seja eu)³: estilhaços da heterossexualidade compulsória em um relacionamento lésbiano

A obra *Oito do sete* (2017), escrita por Cristina Judar e publicada pela editora Reformatório, apresenta, em primeiro plano, a história de Magda, desde o seu nascimento, seguido pela adolescência e pelo momento em que ela conhece Glória. A história é dividida em quatro capítulos, cada um narrado por uma personagem: Magda, Glória, Serafim (um anjo) e Roma (a capital da Itália). Optamos pelo

³ Trecho da canção *Mesmo que seja eu*, composta por Erasmo Carlos e Roberto Carlos, que, após entoada pela cantora Marina Lima, ganhou análises de uma possível sugestão lésbiana.

recorte apenas de excertos da narração de Magda e Glória devido à extensão do presente trabalho, que não nos permitiria destrinchar a versão narrativa das demais personagens. Ademais, tratando-se da heterossexualidade compulsória enquanto tema de investigação, os capítulos narrados pelas protagonistas nos oferecem vivências concretas da temática, que são complementares para o entendimento da trama.

O episódio principal que movimenta a narrativa é a separação das protagonistas Magda e Glória, acontecimento que transforma suas vidas e demonstra haver fatores psíquicos em torno da homossexualidade como pano de fundo do desfêcho da relação. Nesse sentido, é possível observar, por meio de enunciados e escolhas lexicais, a recorrência de discursos heteronormativos que atravessam a vivência do relacionamento das duas personagens.

O início da vida de Magda é o primeiro contato do leitor com a personagem, partindo do seu nascimento, que a exhibe como um bebê de família estruturada por pai e mãe presentes. Em seguida, são apresentados seus momentos de descoberta durante a infância, que é retratada como um “tempo de revoluções em sequência” (Judar, 2017, p. 13). Contudo, nem toda manifestação se torna descoberta, como no caso de algumas revelações de Magda, que indicam na infância possíveis sinais de homossexualidade não depreendidos pela menina na época: “pensava na Gretchen dançando, só assim conseguia dormir” (Judar, 2017, p. 13).

A não percepção da homossexualidade é habitual na maioria das coletividades da sociedade ocidental devido ao meio em que o sujeito LGBTQIAP+ está inserido, pois a experiência homossexual usualmente não se compara a nada que o indivíduo já tenha vivenciado, já que o padrão de relacionamentos entre homens e mulheres constitui a base dos afetos públicos⁴. Portanto, a identidade homossexual⁵ não tem um histórico que respalde o indivíduo a respeito das idiossincrasias dessa classe minoritária.

Junto aos primeiros indícios de uma orientação sexual destoante, iniciam-se também as primeiras tentativas de repressão, como ocorre quando a personagem, ainda criança, descobre o clipe *Crazy little thing called love*, da banda Queen, e fica absolutamente encantada com o cenário e as performances, sentindo que o seu entendimento sobre a vida é deslocado ali. Mas, nas palavras de Magda, “a mãe entrou na sala. De tudo, mãe sempre soube. Assim que mãe desligou a TV, saí da infância como um rojão que sobe aos céus a 150 quilômetros por hora” (Judar, 2017, p. 14).

⁴ Outras classes minoritárias, igualmente reprimidas, podem ter vivências desde o seu nascimento, por exemplo, “o negro sempre foi negro, assim como fez parte de uma comunidade negra; o judeu foi judeu e o armênio, armênio. Eles têm um passado social e familiar que lhes ensinou o que significa pertencer a uma minoria e quais são as regras desse jogo” (Castañeda, 2007, p. 46).

⁵ Castañeda (2007) diferencia orientação sexual e identidade sexual: a primeira está direcionada ao objeto de afetividade e desejo de um sujeito; e a segunda, ao ato de assumir plenamente a orientação sexual.

A ação da mãe de Magda em desligar a televisão é bastante significativa, se pensarmos na representatividade do cantor Freddie Mercury em sua performance *queer* e na constante questão sempre levantada quanto à orientação sexual do artista. Desligar a TV seria, portanto, uma tentativa de afastar a filha de um interesse ou uma predisposição à homossexualidade, uma vez que, como ressaltado pela narradora, a mãe sempre soube. A infância e a adolescência de sujeitos homossexuais, que demonstram alguma expressão não heterossexual, são marcadas pela coibição frequente por parte dos familiares, por vias de proibição, repreensão e/ou violência (Borrillo, 2010).

Nas páginas que seguem, Magda narra sobre o que sente como se estivesse em uma sala de espera, com uma caixa na mão que não podia abrir. Conta sobre como ela e Glória se conheceram, desenvolveram juntas uma paixão pelo mistério, por surpresas, e como isso as unia. De repente, volta ao presente – ou à lembrança antes de ser interrompida por outra lembrança, o que não fica bem explícito – e continua.

Diferentemente de Magda, devido à estrutura da narrativa, o leitor não conhece Glória, a princípio, por sua própria apresentação, mas por meio de recordações e reclamações de sua ex-esposa. Dentro desse contexto, talvez a ótica mais assertiva de Magda sobre Glória seja: “por sua vez, e o que já era muito, *Glória contentava-se em ser mulher*” (Judar, 2017, p. 41, grifos nossos). O desejo de *ser* mulher talvez nos diga mais sobre as feridas de Glória do que a aparente necessidade de reivindicar essa identidade.

Se, por um lado, Magda teve sua infância num lar estruturado e pautado na estabilidade da heteronormatividade, por outro, a realidade de Glória reinventa toda a noção contemporânea de família e dos responsáveis pelo cuidado e pela educação das crianças. Glória descreve sua infância pautada nos cuidados cultivados por uma coletividade, demonstrando também o desconforto de sua ex-esposa com esse fato:

Eu vim de um clã e isso irritava Magda. Lá [...] era tudo de ordem comunitária, associativa e cíclica. Ou seja, não havia um pai que seria para sempre e apenas pai. Bebi leite de diversos seios [...] Era um amor grupal, crianças grupais e uma vida de partilha (Judar, 2017, p. 101).

A comunidade na qual Glória vivia apresentava fortes traços do que Adrienne Rich (2019) conceitua como *continuum lésbico*, que diz respeito a “uma gama – ao longo da vida de cada mulher e ao longo da história – de experiências identificadas com mulheres, não simplesmente o fato de que uma mulher teve ou conscientemente desejou ter uma experiência sexual genital com outra mulher” (Rich, 2019, p. 65). Nesse sentido, Glória não sofre as mesmas imposições socioideológicas às quais Magda é exposta em sua família, o que não significa, no entanto, que sua identidade saia ileso dos preceitos da heterossexualidade compulsória.

O relacionamento homoafetivo feminino possui os problemas intrínsecos às relações humanas, tendo como primeiro embate a fragilidade dos vínculos humanos no convívio com um *outro* que não atende plenamente às expectativas e idealizações do eu. Esse fenômeno está ligado ao fato de que

[a] linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina. [...] em nossa consciência social, o modelo dominante de sexualidade é o masculino. Os homens são os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas, “despertadas para a vida” pelos homens (Weeks, 2000, p. 28).

Em vista disso, muitas mulheres lésbicas são questionadas e invalidadas em diversas esferas sob diferentes perspectivas. Trata-se da cobrança da feminilidade, da maternidade, de uma suposta heterossexualidade em ambientes sociais, até mesmo das posições hierárquicas do casal na relação sexual.

No romance de Cristina Judar, a sexualidade feminina torna-se tabu também para as protagonistas e tem grande relevância para o dia 8 de julho. Tudo começa com uma tentativa de fugir da rotina, como é comum a qualquer casal em algum tempo de relacionamento. Então, elas recorrem à prática do *swing*⁶. Um “entretenimento” que parecia banal sob o ponto de vista de um casal em um relacionamento de anos nos diz mais sobre os estilhaços da heterossexualidade compulsória na sexualidade de Magda e Glória, do que sobre seus desejos e fantasias. A relação sexual ocorre com dois amigos do casal (também casados), Rick e Jonas, que buscavam novas experiências para o relacionamento. Primeiramente, na visão de Magda, observamos seu desconforto; em contrapartida, Glória parecia absolutamente confortável com a situação. Magda narra um desses encontros, mostrando-se deslocada:

Glória era a que estava mais à vontade, eu sabia do seu passado com homens, ela se viraria bem. [...] Drinques e *shots*, Martinis, Curaçau Blue, Malibu. *O bloco de gelo* precisava ser desfeito, daí a necessidade de *nadar em águas quentes*. Foi entre um trago e outro que me senti enevoada, incapaz de pensar em desejos a serem realizados via contato sexual. A cama era nosso *mar*, nele eu me afundaria até me encontrar. [...] Por sua vez, Glória portava o *tridente de Netuno*, já *imersa* nas investidas de Rick, o *homem sereia*. Ele teve suas *profundezas* tocadas em um rito necessário para que finalmente se compreendesse e, com Glória, trocasse fluidos (Judar, 2017, p. 26-27, grifos nossos).

⁶ Trata-se de um relacionamento sexual entre dois casais fixos que praticam sexo grupal como uma atividade social ou recreativa.

As escolhas lexicais foram grifadas na citação transcrita acima, para ilustrar como ocorre a constituição de seu sentido. Cristina Judar utiliza diversos termos referentes à água, e esse símbolo assume pluralidade semântica em cada situação narrativa em que aparece. A água pode ser compreendida, em acepção simbólica, em duas disposições completamente opostas: vida e morte; início e fim. Nesse breve acontecimento, o símbolo água possui e provoca ambos os sentidos. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2020, p. 60), “a água é a forma substancial da manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade [...]”. À luz dessa definição para o símbolo da água, podemos compreender o léxico utilizado por Judar e seus desdobramentos, de modo que a presença da água indicou o início do fim, como retomaremos mais à frente nesta análise.

A narrativa de Magda também é indicativa do que Leyla Perrone-Moisés chama de *desconfiança*, característica de romances contemporâneos. Perrone-Moisés diz que esses textos “desconfiam do sujeito como ‘eu’, do narrador, da narrativa, das personagens, da verdade e das possibilidades da linguagem de dizer a realidade” (2012, p. 2). A personagem, por meio de suas buscas no contexto da cena, desconfia de si própria e de sua esposa. A busca representa a desconfiança no âmbito das identidades, conforme se nota em “nele eu me afundaria até me encontrar” e “sabia do seu passado com homens”. Magda demonstra desconfiança com relação a Glória, por meio do tom volitivo-emocional que ela utiliza para falar sobre o passado de sua esposa, o que soa, inclusive, como uma acusação. A desconfiança também se apresenta na obra pela troca de narrador, como se a história não estivesse completa pelas lentes de uma única personagem.

Nesse ponto, convém nos reportarmos a Georges Bataille (2017) em seu ensaio clássico sobre o erotismo, ao pontuar que o ser humano fez da atividade sexual uma atividade erótica, na qual uma busca psicológica é travada no ato sexual, pois “a reprodução coloca em jogo seres descontínuos” (Bataille, 2017, p. 36). À luz dessa máxima, é possível refletir sobre as forças psicológicas e ideológicas que impulsionaram Magda até a conjuntura do *swing*: por um lado, o tédio conjugal que colocava em risco a continuidade do seu eu construída na relação com Glória, o medo do rompimento, da descontinuidade; do outro lado, devido ao pensamento sobre as experiências passadas de Glória com homens, certa insegurança na satisfação sexual de Glória na atividade sexual lésbica.

Nesse sentido, é possível notar que, para Magda, o sexo com o casal de amigos não estava relacionado aos seus desejos ou fetiches. Por meio do fluxo de consciência, é possível compreender que, em meio à narração de Magda e de Glória, a leitura sempre será afetada pelo imediatismo das emoções das personagens, de modo que a causalidade da situação não seja revelada, ou é revelada tardiamente através da analepse homodiegética. Portanto, a nossa visão, enquanto leitores, seja de Magda, seja de

Glória, sempre será afetada por quem está narrando e pelas memórias dispostas no fluxo de consciência da personagem. Se, em primeira instância, a visão de Magda remete à sensação de que Glória quis a situação, além, é claro, de que ela precisava do ato sexual com homens para ser sexualmente satisfeita, na mudança do foco narrativo, Glória apresenta o inverso:

A verdadeira consumação do ato de união entre um homem e uma mulher só pode ocorrer no nível espiritual. O resto se resume a uma tentativa absurda na solidão da convivência mútua, no absurdo de querer misturar óleo e água. Foi assim com meu primeiro namorado e também com Rick, que me lembrava Antônio, que me lembrava o China, que me lembrava a Cássia. Foi aí que me rendi. E olha que eu nem queria essas aventuras hétero, embarquei por clemência a Magda (Judar, 2017, p. 74, grifos nossos).

A alegação de Glória para os motivos que a fizeram aceitar a “aventura” com Rick e Jonas se dá por meio de comparações – entre Rick e Antônio, Antônio e China. Ela se lembra de uma mulher, que, provavelmente, teve uma boa vivência, e acaba por fazê-la aceitar a experiência do *swing* por insistência de Magda. Todavia, Glória não apenas não estava interessada no sexo com Jonas e Rick, como também nem ao menos gostava do sexo hétero. Em outro excerto, a personagem descreve as diferenças entre o sexo hétero e o sexo lésbico, para ela, como puramente ideológicas:

Formávamos um circo mambembe de palhaços nem um pouco convencidos de que podiam fazer alguém rir. O leito, um picadeiro para brincadeiras sexuais afetivas, tudo muito funcional, esteticamente bonito, a ponto até de gerar filhos, e só. Não havia relação, mas reações biológicas. O que praticávamos era plástico [...]. Quem faz sexo hétero faz cara de normal. Crê cumprir o seu papel para o nosso quadro social. Usa pênis e vaginas, sistemas excretores, olfativos, linfáticos e oculares com a certeza de que foi deus quem quis. Deus é quem fez assim. *Dá nojo*, mas colabora para a harmonia da natureza. *Já mulher com mulher não pode gozar porque é outro tipo de gozo. [...] Gozo gay é gozo repulsivo. Coisa de quem não tem etiqueta. [...] É um desajuste. Um incidente* (Judar, 2017, p. 103-104, grifos nossos).

Essa declaração de Glória evidencia que suas razões na atividade sexual com Magda, Jonas e Rick (ou com qualquer outro homem) nada tinham a ver com prazer, mas com uma exigência do gozo que atende à permissividade do próprio gozo. O pivô da separação das personagens se pauta na invalidação da sexualidade lesbiana, em primeira instância pela insegurança das protagonistas com a legitimidade do

sexo lesbiano (Magda achando que Glória, que já teve experiências com homens, não estava satisfeita com o sexo com uma mulher, e Glória entendendo o sexo hétero como socialmente superior ao sexo lésbico); em segunda instância, de forma correlacionada, pela consequência do *swing*: uma gravidez inesperada.

O fim, ocorrido em 8 de julho, o “oito do sete” do título do romance, manifesta significados líquidos para Magda:

A data anunciada para o fim de toda a água. Na cidade, no país, nos corpos, em todos os poços, nos olhos. Parou de chover, assim. De caírem do céu os líquidos. Seríamos espasmódicos e peixes no asfalto. E não boiaríamos mais no oceano do sexo heterossexual. [...] deitaríamos até as águas que corriam em nós. [...] Quando a conheci, Glória emergia em mim, afundava em si. Até que com o fim da água nossa casa perdeu as bordas. [...] Em um jato único fui devolvida à realidade (Judar, 2017, p. 47)

Aqui, novamente retornamos às escolhas lexicais relacionadas à água. Voltando a Chevalier e Gheerbrant (2020), a água é um símbolo ambivalente, capaz de criação e destruição, assumindo ambos os sentidos na sucessão dos acontecimentos na relação das personagens. Na ordem cronológica dos acontecimentos de *Oito do sete*, o elemento aparece pela primeira vez no *swing*. O que deveria ser o renascimento ocasionou o fim. Magda diz: “em um jato único fui devolvida à realidade”. Apesar da conexão com outras lexias em que há algo relacionado à água ou à liquidez, a expressão “jato único” possui um sentido metafórico (ainda fazendo alusão ao elemento água), mas também literal, uma vez que ela está se referindo ao sêmen de Rick, que, inesperadamente, fecundou Glória.

Nessa perspectiva, a simbologia da água cumpriu o seu sentido primeiro, isto é, a fertilidade, a criação, a geração de uma nova vida. Glória, no entanto, não queria o aborto, pelo contrário, queria os filhos (seriam gêmeos), via neles uma possibilidade de ser “normal”. Glória foge para Roma com Rick – que rapidamente a abandona – e perde os bebês. Em uma ligação telefônica, ela diz:

Eu me liquidifiquei, sabia? Virei líquido. Fui parar no hospital. Usaram sondas. Me canalizaram feito um rio. Eram águas que eu não deveria ter posto para fora. Não sei se foi filho ou mágoa. Uma parte de mim foi embora. Ou uma parte de nós. [...] Não sei se gerei gema. Ou se abortei uma grande vontade de ser normal (Judar, 2018, p. 80).

Nesse momento, a simbologia da água toma a sua posição ambígua de vida e morte. Se, inicialmente, a água foi a tentativa de (re)início para a relação entre

Glória e Magda, se tornou fim com a mesma fluidez com que a ideia emergiu. E, se no início do fim, a água representou vida, o início dela, rapidamente, se converteu em morte. A liquidez da situação remodelou a simbologia da água para as diversas possibilidades de significação.

Glória, em vários momentos da narrativa, demonstra uma necessidade de ser “normal”, de ser aceita pela sociedade, de ser heterossexual, de ser mãe, de ser mulher nos moldes patriarcais, como expresso em: “vivi oito mil dias em sete. Não fui Glória nem razão, apenas mulher, era isso que eu precisava, até mais do que estar viva” (Judar, 2017, p. 68).

A analepse completiva (Genette, s/d) aparece quando Judar recupera uma fala anterior de Magda, “por sua vez, e o que já era demais, Glória contentava-se em ser mulher” (Judar, 2017, p. 41). Ao alegar que foi apenas mulher e que precisava disso, Glória apresenta um complemento ao discurso de Magda, pois preenche uma lacuna anterior sobre o que significava o “ser mulher”, que se constituía enquanto uma identidade para Glória. No caso, o preenchimento da esfera reprodutiva, via gravidez, indica esse confinamento da ideia de mulher ao cumprimento de um suposto destino natural do seu corpo.

A convergência sobre a importância de *ser* mulher para Glória, ela que é uma mulher cisgênero, coloca em xeque o que constitui a especificidade da mulher que ela quer ser. Glória quer ser “normal”. Para tal, ela sente a necessidade de estar em um relacionamento heterossexual; para ser mulher, sente precisar de um homem, de filhos, de uma família que não atraísse os olhares que acusam alguma diferença ou anormalidade, o que ela jamais obteria com Magda.

A insegurança ocasionada pela homofobia internalizada (Borrillo, 2010) irrompe dos discursos acerca da homossexualidade – que são institucionalizados de diversas maneiras e se manifestam de formas plurais – e cria consequências profundas na vida de pessoas homossexuais. Em se tratando de mulheres lésbicas, essa condição se agrava devido a outras opressões às quais as mulheres são sujeitadas historicamente, o que as invalida enquanto sujeitos autônomos e produz o sentimento de mutilação da sua identidade em relação a um outro (o homem), estendendo-se a outras mulheres (nesse caso, com as quais se relacionam amorosamente).

Considerações finais

À luz do percurso teórico traçado a partir da leitura da obra *Oito do sete*, de Cristina Jubar, torna-se perceptível que os elementos que constituem a heterossexualidade compulsória “penetram” a vivência lésbica das personagens, de tal modo que contribuem para o desmonte da relação, advindo da sexualidade do casal e atingindo níveis mais profundos da psique humana, ao invalidar a identidade do indivíduo,

seu modo de amar, de viver, impelindo à recusa de si e propulsionando a busca por uma identidade socialmente legitimada.

A constituição da identidade das personagens ocorre de forma díspar, mas resulta no mesmo desfecho: a incerteza sobre a autenticidade de seu sentimento e seu prazer. Para Magda, essa questão não parece ser percebida conscientemente, enquanto Glória faz reflexões complexas sobre a condição social da homossexualidade, mostrando-se mais crítica à conjuntura e, talvez, por isso, seja a mais afetada pela homofobia internalizada, sentindo a necessidade de se encaixar nos moldes heterossexuais para tentar atender a um parâmetro de “normalidade” construído discursivamente pela heterossexualidade compulsória. Essa perseguição de uma suposta normalidade, pautada especialmente pela gravidez, levará a relação à falência, ao se associar também aos não ditos e silêncios que grassam entre as duas mulheres.

A batalha interna travada por Glória e Magda em decorrência de ideologias patriarcais internalizadas salienta o caráter obtuso das relações humanas, mas, principalmente, as complexidades e adversidades existentes no vivenciamento de uma relação lésbica em uma sociedade que declara ódio ao gênero feminino. Nesse contexto, o corpo lésbico, denotado por Judith Butler (2004) como corpo abjeto, possui um não lugar na coletividade dita heterossexual. Tal circunstância aflige a identidade do sujeito no que concerne à orientação sexual e, ainda, em todas as outras esferas que o definem.

Por trazer a temática da lesbianidade com diligência e profundidade, Cristina Jubar provê representatividade para mulheres que se identificam como homossexuais, já que parte dos problemas identitários de mulheres lésbicas ou bissexuais advém da pouca representação em meios midiáticos e na arte, como se toda mulher homossexual fosse uma exceção à regra. Por outro lado, ao tensionar o *status* da homossexualidade, trazer ao enredo os dramas da experimentação sexual e os riscos da liquidez das relações, o romance apresenta-se intimamente relacionado ao contexto dos jogos afetivos em ambiente contemporâneo, uma vez que, mesmo mais naturalizadas e presentes na sociedade brasileira atual, as conjugalidades lésbicas não estão isentas de serem alvos dos preconceitos internalizados e da homofobia estrutural, que pode atingir, inclusive, o próprio corpo lésbico.

Ademais, os estudos teóricos abordados neste artigo colaboraram para o entendimento não somente da invisibilidade lesbiana como também dos caminhos que a transportam para a literatura, tornando-se evidente, através das lentes de Rich (2019), Butler (2020, 2004), Castañeda (2007), Castro (2008), que os problemas relacionados à lesbianidade são, antes de tudo, problemas de gênero. Logo, a pauta da homossexualidade feminina não deveria ser de preocupação apenas das mulheres lésbicas e bissexuais, mas também das que se identificam como heterossexuais, pois, parafraseando Audre Lorde (2020), nenhuma mulher será livre até que todas sejam.

Referências

- AZEVEDO, Maria da Glória de Castro. Cassandra Rios – a transgressão na margem. *In: Anais [...]* XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural do GT Mulher e Literatura da Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus, Bahia, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/pdf/maria%20da%20gl%20c3%93ria%20de%20castro%20azevedo.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Tradução de Javier Sáez. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 169-191.
- CASTAÑEDA, Marina. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. Tradução de Brigitte Monique Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa, 2007.
- CASTRO, Maria da Glória de. O interdito no ideal de nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira? *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 32, p. 57-67, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9567>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40429/26848>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- FAURY, Mára. *Uma flor para os malditos: homossexualidade na literatura*. Campinas: Papirus, 1983.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, [s.d].
- JUDAR, Cristina. *Oito do sete*. São Paulo: Reformatório, 2017.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura exigente: os livros que não dão moleza ao leitor. *Folha de São Paulo*, Ilustríssima, 25 mar 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/33216-a-literatura-exigente.shtml>. Acesso em 20 jul. 2023.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. *Revista Iberoamericana*, v. LXV, n. 187, p. 405-421, abr./jun. 1999.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica: e outros ensaios*. Tradução de Angélica Freitas e Daniel Luhmann. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019. p. 25-92.

SILVA, Elisabete Costa; PEREIRA, André Luis Mitidieri. Pelas fendas do espaço: geografias lésbicas em *Oito do sete* (2017), de Cristina Judar. *Letras*, Santa Maria, n. 61, p. 365-376, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/42953>. Acesso em: 25 dez. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

THOMAS, Jerry R; NELSON, Jack K. *Research Methods in Physical Activity*. 3. ed. Champaign: Human Kinetics, 1996.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 183-195, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3059/1814>. Acesso em: 20 jul. 2023.